

Anarco-Monarquismo e Anarco-Misticismo

Hakim Bey

Dormindo, sonhamos com apenas duas formas de governo – anarquia e monarquia. A raiz primordial da consciência não entende de política e nunca joga limpo. Um sonho democrático? Um sonho socialista? Impossível.

Se meus REMs me trazem visões verídicas quase proféticas ou meros desejos vienenses, somente reis e pessoas selvagens povoam minha noite. Mônadas e nômades.

Dia pálido (quando nada brilha por sua própria luz) esquiva-se e insinua e sugere que nos comprometemos com uma triste e embaçada realidade. Mas em sonho nós nunca somos governados, exceto pelo amor ou pela magia, que são as habilidades de caotas e sultões.

No meio de um povo que não pode criar ou brincar, mas apenas *trabalhar*, os artistas também não conhecem outra escolha a não ser anarquia e monarquia. Como o sonhador, eles devem possuir e *possuem* suas próprias percepções, e para isto devem sacrificar o meramente social por uma "Musa tirânica". A arte morre quando tratada "bem". Ela deve desfrutar da selvageria de um homem das cavernas ou então ter sua boca preenchida de ouro por um príncipe.

Burocratas e vendedores a envenenam, professores a mastigam e filósofos a cospem fora. A arte é um tipo de barbaridade bizantina, que serve apenas para nobres e pagãos. Se você tivesse conhecido a doçura da vida como poeta num reino de um venal, corrupto, decadente, ineficaz e ridículo Paxá ou Emir, um xá Qajar, um Rei Farouk, uma Rainha da Pérsia, você saberia que isto é o que todo anarquista deve querer. Como eles amavam poemas e pinturas, aqueles tolos luxuriosos mortos, como eles sorviam todas as rosas e brisas frias, tulipas e alaúdes! Odeio sua crueldade e caprichos, sim – mas pelo menos eles eram humanos. Os burocratas, entretanto, que lambuzam as paredes da mente com sujeira inodora – tão gentis, tão *gemüthlich* ("de boa índole") – que poluem o ar interior com dormência – eles não são sequer merecedores de ódio. Eles mal existem fora das Idéias anêmicas às quais servem.

E além disso: o sonhador, o artista, o anarquista – eles não compartilham um traço de capricho cruel com os mais ultrajantes déspotas? Pode a vida genuína acontecer sem um pouco de tolice, um pouco de excesso, alguns surtos de "discórdia" heracliteana? Não governamos – mas não podemos e não seremos *governados*.

Na Rússia, os anarquistas narodnik às vezes forjavam um *ukase* ou manifesto em nome do Czar; nele, o Autocrata reclamaria que lordes gananciosos e oficiais insensíveis o haviam prendido em seu palácio e o isolado de seu amado povo. Ele proclamava o fim da

servidão e convocava os camponeses e trabalhadores a se levantarem em Seu Nome contra o governo.

Muitas vezes esta manobra realmente obtinha sucesso em despertar revoltas. Por que? Porque o único governante absoluto age metaforicamente como um espelho para o singular e completo absoluto do "eu". Cada camponês olhava dentro desta lenda vítrea e observava sua própria liberdade – uma ilusão, mas que pegava emprestada do sonho a sua lógica.

Um mito similar deve ter inspirado, no século XVII, os Ranters e Antinomianos e Homens da Quinta Monarquia que se congregaram à bandeira jacobita com suas cabalas eruditas e conspirações ufanistas. Os místicos radicais foram traídos primeiro por Cromwell e depois pela Restauração – por que não, enfim, juntar-se aos petulantes cavaleiros e aos afetados condes, aos Rosacruz e aos Maçons do Rito Escocês, para colocar um messias oculto no trono de Albion?

No meio de um povo que não pode conceber a sociedade humana sem um monarca, os desejos dos radicais devem ser expressos em termos monárquicos. No meio de um povo que não pode conceber a existência humana sem uma religião, os desejos radicais devem ser ditos na linguagem da heresia.

O taoísmo rejeitou toda a burocracia confuciana, mas guardou a imagem do Imperador-Sábio, que se sentava em silêncio em seu trono, encarando uma direção propícia, fazendo absolutamente nada. No Islã, os ismaelitas pegaram a idéia do Imame da Casa do Profeta e a metamorfosearam no Imame-do-próprio-ser, o "eu" aperfeiçoado que está além de toda Lei e regra, que está harmonizado com o Uno. E esta doutrina os levou à revolta contra o Islã, ao terror e ao assassinio em nome da auto-libertação esotérica pura e da total realização.

O anarquismo clássico do século XIX definia-se pela luta contra a coroa e a igreja e, portanto, no nível acordado, considerava-se igualitário e ateu. Esta retórica, entretanto, obscurece o que realmente acontece: o "rei" torna-se o "anarquista", o "padre" torna-se um "herege". Neste estranho dueto de mutabilidade, o político, o democrata, o socialista e o ideólogo racional não encontram lugar; são surdos à música e carecem totalmente de senso de ritmo. Terrorista e monarca são *arquétipos*; esses outros são meros funcionários.

Uma vez, anarquista e rei apertaram as respectivas gargantas e valsaram uma to-tentanz ("dança da morte") – uma batalha esplêndida. Agora, entretanto, ambos estão relegados à lixeira da história – eles já eram, são curiosidades de um passado vagaroso e mais cultivado. Eles rodopiam tão rápido que parecem fundir-se juntos... podem ter, de alguma forma, se tornado uma coisa, gêmeos siameses, um Jano, uma unidade aberrante? "O sono da Razão..." ah! os mais desejáveis e desejosos monstros!

A Anarquia Ontológica proclama rasamente, asperamente e quase desmioladamente: sim, os dois são um agora. Como uma única entidade o anarco/rei agora renasceu; cada um de nós é o governante de nossa própria carne, de nossas próprias criações – e tudo mais que pudermos pegar e segurar.

Nossas ações são justificadas por decreto e nossas relações são moldadas por tratados com outros autarcas. Fazemos as leis para os nossos próprios domínios – e as correntes

da lei foram quebradas. No momento, talvez sobrevivamos como meros Fingidores – mas mesmo assim, podemos agarrar uns poucos instantes, uns poucos metros quadrados de realidade sobre a qual impomos nossa vontade absoluta, nosso *royaume* ("reino"). *L'état c'est moi* ("o estado sou eu").

Se estamos ligados por qualquer ética ou moralidade, deve ser uma tal que nós tenhamos imaginado, fabulosamente mais exaltada e mais libertadora que o "ácido moral" de puritanos e humanistas. "Vós sois como deuses-- "Tu és Aquele".

As palavras *monarquismo* e *misticismo* são usadas aqui, em parte, simplesmente *pour épater* ("para espantar") aqueles anarquistas iguálito-ateus que reagem com horror piedoso a qualquer menção de pompa ou superstição. Nada de revoluções regadas a champagne para *eles!*

Nossa marca de anti-autoritarismo, contudo, floresce sobre o paradoxo barroco; ela favorece estados de consciência, emoção e estética sobre todas as ideologias e dogmas petrificados; ela abraça multidões e aprecia contradições. A Anarquia Ontológica é um duende para GRANDES mentes. A tradução do título (e palavra-chave) da obra magna de Max Stirner como "O ego e o que a ele pertence" levou a uma sutil interpretação errônea de "individualismo". O termo inglês-latino *ego* vem carregado e oprimido com bagagem freudiana e protestante. Uma leitura cuidadosa de Stirner sugere que "O Único e seu Próprio" refletiria melhor suas intenções, dado que ele nunca define o ego *em oposição* à libido ou ao id, ou em oposição à "alma" ou "espírito". O Único (*der Einzige*) pode ser melhor construído simplesmente como o "eu" individual.

Stirner não se compromete com nenhuma metafísica, ainda que conceda ao Único uma certa propriedade absoluta. De que forma, então, este *Einzige* difere do "Eu" de Advaita Vedanta? *Tat tvam asi*: Tu ("Eu" individual) és Aquele ("Eu" absoluto).

Muitos acreditam que o misticismo "dissolve o ego". Bobagem. Apenas a morte faz isso (ou esta, pelo menos, é nossa nossa suposição saducéia). O misticismo não destroi nem o "eu carnal" nem o "eu animal-- o que importaria em suicídio. O que o misticismo realmente tenta sobrepujar é a falsa consciência, a ilusão, a Realidade Consensual e todas as falhas do "eu" que acompanham estes males. O misticismo verdadeiro cria um "eu em paz", um "eu" com poder. A tarefa principal da metafísica (consumada, por exemplo, por Ibn Arabi, Boehme, Ramana Maharshi) é, em certo sentido, auto-destruir, identificar metafísico e físico, transcendente e imanente, como UM. Certos *monistas radicais* levaram esta doutrina muito além do mero panteísmo ou misticismo religioso. Uma compreensão da unicidade imanente do ser inspira certas heresias antinomianas (os Ranters, os Assassinos) que consideramos nossas ancestrais.

O próprio Stirner parece surdo às possíveis ressonâncias espirituais do Individualismo – e nisto ele pertence ao século XIX: nascido muito depois da liquefação da Cristandade, mas muito antes da descoberta do Oriente e da tradição iluminista escondida na alquimia ocidental, da heresia revolucionária e do ativismo oculto. Stirner despreza muito corretamente o que ele conhecia como "misticismo", uma rele sentimentalidade pietista baseada em auto-negação e ódio pelo mundo. Nietzsche pregou a tampa sobre "Deus" uns poucos anos antes. Desde então, quem ousou sugerir que Individualismo e misticismo poderiam ser reconciliados e sintetizados?

O ingrediente faltante em Stirner (Nietzsche chega mais perto) é um conceito funcional de *consciência não-ordinária*. A realização do "eu" único (ou *übermensch* ("super-homem")) deve reverberar e expandir-se como ondas ou espirais ou música para abraçar a experiência direta ou a percepção intuitiva da singularidade da própria realidade. Essa realização engolfa e apaga toda dualidade, dicotomia e dialética. Carrega consigo mesma, como uma carga elétrica, um sentido de *valor* intenso e sem palavras: ela "diviniza" o "eu".

Ser/consciência/felicidade (*satchitananda*) não pode ser repudiado como meramente outro "fantasma" stirneriano ou "roda na cabeça". Não invoca exclusivamente nenhum princípio transcendente para o qual o *Einzige* deve sacrificar sua qualidade de próprio. Simplesmente declara que aquela intensa consciência da própria existência resulta em "felicidade-- ou, numa linguagem menos pesada, em "consciência valorativa". O objetivo do Único, afinal, é *possuir tudo*; o monista radical obtém isso identificando o "eu" com a percepção, como o pintor chinês que "se torna o bambu", de forma que "ele pinta a si próprio".

Apesar das dicas misteriosas que Stirner dá sobre uma "união de Únicos" e apesar do eterno "Sim" de Nietzsche e da exaltação da vida, o Individualismo deles parece de alguma forma moldado por uma certa *frieza em relação ao outro*. Em parte, eles cultivavam uma fortificante e purificadora frieza contra a sufocação quente da sentimentalidade e do altruísmo do século XIX; em parte, eles simplesmente desprezavam o que alguém (Mencken?) chamou de "Homo Boobensis".

E ainda, lendo por trás e abaixo da camada de gelo, nós descobrimos traços de uma doutrina ígnea – o que Gaston Bachelard poderia ter chamado de "uma Poética do Outro". A relação do *Einzige* com o Outro não pode ser definida ou limitada por qualquer instituição ou idéia. E ainda claramente, mesmo que paradoxalmente, o Único depende do Outro para a completude e não pode e não será realizado em nenhum isolamento amargo.

Os exemplos de "crianças lobos" ou *enfants sauvages* ("crianças selvagens") sugerem que uma criança humana privada da companhia humana por muito tempo nunca obterá humanidade consciente – nunca adquirirá linguagem. A Criança Selvagem talvez forneça uma metáfora poética para o Único – e simultaneamente, ainda, marque o ponto exato em que Único e Outro devam se encontrar, se amalgamar, se unificar – ou então falham em obter e possuir tudo aquilo de que são capazes.

O Outro espelha o "Eu-- o Outro é nossa *testemunha*. O Outro completa o "Eu-- o Outro nos dá a chave para a percepção da unicidade-do-ser. Quando falamos de ser e consciência, nós apontamos para o "Eu"; quando falamos de felicidade implicamos o Outro.

A aquisição da linguagem cai sob o signo de Eros – toda comunicação é essencialmente erótica, todas as relações são eróticas. Avicenna e Dante afirmaram que o amor move as estrelas e os planetas em seus cursos – o *Rig Veda* e a *Teogonia* de Hesíodo proclamam que o Amor é o primeiro deus nascido depois de Caos. Afeições, afinidades, percepções estéticas, belas criações, sociabilidade – todas as mais preciosas possessões do Único erguem-se da conjunção do "Eu" com o Outro na constelação do Desejo.

Novamente, o projeto iniciado pelo Individualismo pode ser desenvolvido e revivificado

por um enxerto com o misticismo – especificamente com o tantra. Como uma *técnica* esotérica divorciada do hinduísmo ortodoxo, o tantra fornece uma estrutura (“Rede de Jóias”) simbólica para a identificação do prazer sexual e consciência não-ordinária. Todas as seitas antinomianas continham algum aspecto tântrico, desde as famílias do Amor e Irmãos Livres e Adamitas da Europa até os sufis pederastas da Pérsia e os alquimistas Taoístas da China. Até mesmo o anarquismo clássico desfrutou seus momentos tântricos: os Falanstérios de Fourier; o “Anarquismo Místico” de G. Ivanov e outros russos simbolistas de fim-de-século; o erotismo incestuoso do *Sanine* de Arzibashaev; a estranha combinação de Niilismo e adoração a Kali que inspirou o Partido Terrorista Bengalês (ao qual meu guru tântrico Sri Kamanaransan Biswas teve a honra de pertencer)...

Nós, entretanto, propomos um sincretismo de anarquismo e tantra muito mais profundo que qualquer um desses. De fato, simplesmente sugerimos que Anarquismo Individual e Monismo Radical sejam considerados doravante como um e mesmo movimento.

Este híbrido tem sido chamado de “materialismo espiritual”, um termo que incinera toda a metafísica no fogo da unidade de espírito e matéria. Também gostamos de “Anarquia Ontológica” porque sugere que o ser em si mesmo permanece num estado de “Caos divino”, de total potencialidade, de criação contínua.

Neste fluxo, somente o *jiva mukti*, ou “indivíduo liberto”, é auto-realizado, e deste modo monarca ou proprietário de suas percepções e relações. Neste fluxo incessante, somente o desejo oferece um princípio de ordem, e assim a única sociedade possível (como Fourier entendeu) é a dos amantes.

O anarquismo está morto, vida longa à anarquia! Não precisamos mais da bagagem de masoquismo revolucionário ou auto-sacrifício idealista – ou da frigidez do Individualismo com seu desdém pela sociabilidade, pelo *viver junto* – ou das superstições vulgares do ateísmo do século XIX, cientificismo e progressismo. Todo esse peso morto! Pastas proletárias emboloradas, vapores burgueses pesados, entediantes guias filosóficos – deixemos isso de lado!

Queremos desses sistemas apenas sua vitalidade, suas forças vitais, ousadia, intranqüidade, raiva, negligência – seu poder, seu *shakti*. Antes de descartarmos o entulho e os sacos de lixo, nós saquearemos a bagagem procurando por carteiras, revólveres, jóias, drogas e outros itens úteis – guardaremos o que gostamos e jogaremos fora o resto. Por que não? Por acaso somos padres de um culto, para murmurar sobre relíquias e resmungar nossos martirologios?

O monarquismo também tem algo que queremos – um encanto, um sossego, um orgulho, uma superabundância. Ficaremos com isto e jogaremos as aflições da autoridade e da tortura na lata de lixo da história. O misticismo tem algo que precisamos – “auto-superação”, consciência exaltada, reservatórios de potência psíquica. Estes nós expropriaremos em nome da nossa insurreição – e deixaremos as aflições da moralidade e da religião apodrecer e se decompor.

Como os Ranters costumavam dizer quando saudavam qualquer “criatura companheira-- de rei a batedor de carteiras – “Alegre-se! Tudo é de todos!”

Revisado por Bruno Cardoso